

RECENSÃO AO LIVRO DE ANTÓNIO DAMÁSIO, *A ESTRANHA ORDEM DAS COISAS: A VIDA, OS SENTIMENTOS E AS CULTURAS HUMANAS*

RECENSION OF ANTÓNIO DAMÁSIO'S BOOK, *THE STRANGE ORDER OF THINGS: LIFE, FEELINGS AND HUMAN CULTURES*

RECENSION DU LIVRE D'ANTÓNIO DAMÁSIO, *L'ORDRE ÉTRANGE DES CHOSES: VIE, SENTIMENTS ET CULTURES HUMAINES*

RECENSIÓN DEL LIBRO DE ANTÓNIO DAMÁSIO, *EL EXTRAÑO ORDEN DE LAS COSAS: VIDA, SENTIMIENTOS Y CULTURAS HUMANAS*

Luís Carlos S. Branco

Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas, Portugal

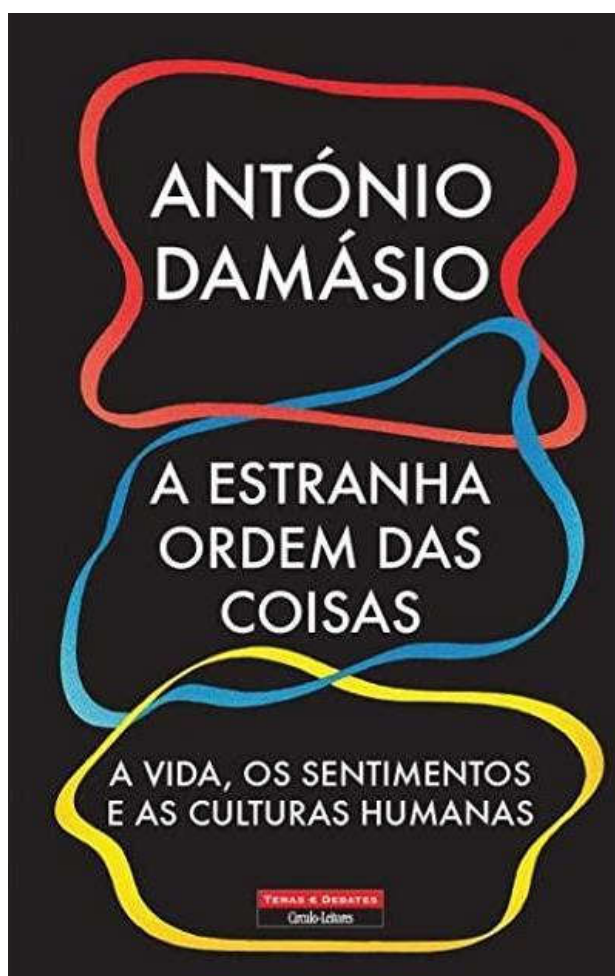


Figura 1: Capa do livro *A Estranha ordem das Coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas*

Fonte: <https://www.wook.pt/livro/a-estranha-ordem-das-coisas-antonio-damasio/19355277>

1. António Damásio e as neurohumanidades

Pese embora a sua formação de base seja em Medicina e Neurociências, e a própria estrutura do seu pensamento crítico seja enformado por ambas, António Damásio, desde o início da sua profícua carreira, encetou uma demanda por postulações advindas de outras áreas do conhecimento, com especial destaque para a Filosofia, mas também a Literatura, a Sociologia e a Psicologia. Com o seu trabalho, ele impulsionou o advento das Neurohumanidades. As postulações de filósofos, como Descartes, Nietzsche e Espinosa, estudiosos da psique, como William James e Freud, ou sociólogos, como Émile Durkheim, são incorporadas nas suas obras. E também escritores, entre os quais, Fernando Pessoa, William Faulkner e Scott Fitzgerald, marcam presença relevante nas suas páginas (Cf. Damásio, 2017).

Esta sua abertura hermenêutica e válida interseção de ideias, aliadas ao seu interesse científico pela preponderância do fator emotivo na práxis humana, fazem dele, um pioneiro e inspirador, por excelência, das NeuroHumanidades. A esse propósito, é célebre, mas mal-entendida, vista quase como uma *boutade* inconsequente, a sua proclamação de que o melhor especialista na sua área teria sido Shakespeare (*apud* Lucas, 2017). Com isso, Damásio não quis, de certeza, afirmar, que o dramaturgo seiscentista era um neurologista *stricto sensu*. Ele estava, por um lado, a aludir à vasta paleta emocional contida nos atos e nas motivações das personagens criadas pelo bardo inglês, e, por outro, chamava-nos a atenção para a ineludível e necessária inter-relação entre as Humanidades e as Ciências, ditas duras, da qual ele é um destacado paladino. Portanto, as artes, a cultura, a literatura, enfim, a invenção e a criatividade humana *tout court*, sempre estiveram presentes no seu trabalho académico e no seu horizonte crítico. Não espanta, por isso, que, em 2017, tenha dado a lume uma relevante obra onde se debruça, em particular, sobre essas temáticas, intitulada *A Estranha Ordem Das Coisas: A Vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*, que, aqui, analisarei.

Olhando para o seu percurso de constante interdisciplinaridade e permutação crítico-dialógica com as diversas áreas das Humanidades, é uma obra que há muito se adivinhava. É um livro arrojado e polémico no qual ele se aventurou a entrar por terrenos epistemológicos aparentemente fora do âmbito da sua formação de base neurocientífica. Nele, ele postula uma original e estranha – daí o título – Teoria da Cultura. Antes de explicitar em que consiste essa teorização damasiana sobre as artes e a cultura, sublinhe-se que, concordando ou não com as posições que ele manifesta, este é o seu trabalho mais importante a seguir ao importante *O Erro de Descartes*, datado já de 1994. Este último, foi uma das obras impulsionadoras do *Affective/Cognitive Turn*.

Nele, Damásio, sustentando-se em evidências científicas sólidas, aventava a Hipótese dos Marcadores Somáticos (teoria que, entretanto, se generalizou e passou

a ser aceite como um dado adquirido), segundo a qual, no processo de tomada de decisões, as emoções desempenham um papel inequivocamente determinante. Foi, à época, uma obra copernicana. Ajudou a que se repensasse o papel dos sentimentos e das emoções na evolução e no comportamento humano (Cf. Damásio 2011: 221-286). Saliente-se que ele não foi o único a apontar esse caminho (Daniel Goleman e Oliver Sacks, por exemplo, trilharam sendas similares), nem sequer foi o precursor (esse papel terá cabido a Jaak Panksepp, o pai fundador da *Affective Neuroscience*) (Cf. Panksepp, 1998), mas foi quem teve mais impacto a nível planetário. As suas pertinentes ideias extravasaram o meio académico e, *grosso modo*, tornaram-se aceites por um número considerável dos seus pares. No entanto, por muito que eu admire o seu *Ao Encontro de Espinosa* e ache brilhantes alguns capítulos de *O Livro da Consciência*, a verdade é que os livros escritos a seguir ao *O Erro de Descartes* limitaram-se a desenvolver e a aprofundar as ideias contidas nele. Não trouxeram nada de verdadeiramente novo. Portanto, nesse sentido, devemos saudar o arrojo e a novidade de *A Estranha Ordem das Coisas*. Depois da sua obra estreante, passados quase vinte anos, António Damásio voltou a tocar numa corda sensível e a oferecer-nos um *breakthrough* académico-científico. Não quer isto dizer que seja um livro isento de reparos. Como veremos adiante, tem algumas fragilidades e aspetos criticáveis, mas possui também qualidades muitíssimo assinaláveis.

2. A original Teoria da Cultura de António Damásio

A *Estranha Ordem*, referida no título, refere-se ao facto de, segundo a Teoria da Cultura que Damásio postula, o início da criação cultural estar já, de algum modo, prefigurado no comportamento de organismos unicelulares. Ou como ele diz “as bactérias estavam destinadas a fazer parte da grandiosa história da cultura.” (Damásio, 2017: 29). Isto porque interagiam com o mundo externo, tendo, em certa medida, autopercepção e procurando soluções *criativas* no sentido de sobreviverem e durarem o mais possível. Os biofilmes são um exemplo disso: as bactérias tendem a agrupar-se de modo a viverem mais tempo. Isso é algo que partilham com os seres humanos. Em grupo sobrevive-se e prolifera-se melhor.

Assim, o grande objetivo do neurofilósofo é rastrear o percurso evolutivo até se chegar ao que ele designa por Mente Cultural, que consiste na exteriorização projetada da Consciência e cujos resultados se observam na criação cultural. Para isso, ele postula que a Mente Cultural tem por base a Homeostasia. Este é o princípio de autorregulação vital, que se configura no controle da tensão arterial e da temperatura corporal pelo organismo, e é imprescindível para o bem-estar do Ser Humano. Damásio expandiu este conceito, colocando-o como principal impulsionador da Mente Cultural Humana e das suas produções. Ele designou esta transposição conceptual por Homeostasia Sociocultural.

Ela impele, por um lado, à sobrevivência e à persistência. O Ser Humano tende a resistir e a lutar por durar o mais que possa, ou, por outras palavras, a tentar adiar a morte e viver, até lá, do melhor modo possível. Por outro lado, além do mero bem-estar do organismo, a Humanidade está talhada para prevalecer, dominar e Florescer. Em ambas essas vertentes da Homeostasia, quer na orgânica, que demanda o conforto e o bem-estar físico, quer na civilizacional, que se concretiza, buscando desenvolvimento e novos horizontes nas realizações culturais, os Sentimentos são muito relevantes, pois, operam como seus monitores, como adjuntos mentais desse Imperativo Homeostático.

Com base nessas premissas, o neurocientista concebeu, então, uma Teoria da Cultura Simbiótica, na qual o fator biológico se une ao cultural. Ele não separa a Biologia, ou as motivações de ordem e origem biológica, das manifestações culturais humanas. E explicita-as do seguinte modo:

Os fenómenos biológicos podem desencadear e moldar acontecimentos que se tornam fenómenos culturais (...) através da interação dos sentimentos e do raciocínio (...) A intervenção dos sentimentos não se limitou a um motivo inicial. Eles continuam com o papel de monitor do processo e continuaram a intervir no futuro de muitas invenções culturais, segundo as exigências da eterna negociação entre afeto e razão. (Damásio, 2017: 47).

Por exemplo, para a feitura dos Códigos de Conduta Humanos (o Decálogo, o Código de Hamurabi e a Carta das Nações Unidas, entre outros) contribuíram, sem dúvida, as próprias circunstâncias históricas de um determinado momento, mas também existiu um inegável impulso neurobiológico homeostático, que se consubstanciou no desejo coletivo de sobreviver, cooperar e prevalecer. Damásio chega mesmo a considerar que a Ética e a Moral defluem da Homeostasia. Por outras palavras, tentamos comportarmo-nos de acordo com essas regras porque, assim, sobreviveremos e floresceremos em muito melhores condições. O bem e a paz são preciosos porque são homeostáticos. Encaminham-nos no sentido do bem-estar, do conforto e do florescimento, equilibram-nos, levam-nos a evoluir.

Em correlação com a Homeostasia Cultural, enquanto imperativo de regulação vital, o neurocientista destaca os Sentimentos, como os seus principais colaboradores. Estes, como concreções mentais e emocionais da Homeostasia, são catalisadores da Cultura. Foram eles que motivaram o nascimento e desenvolvimento da Arte, da Filosofia, das Regras Morais, da Justiça, do Sistema de Governação Política, da Tecnologia e da Ciência. E porque é que isso sucedeu? Por razões contíguas àquelas que fazem com que a Homeostasia Orgânica procure, por exemplo, manter a tensão arterial a um nível satisfatório. Ou seja, por uma questão de bem-estar e equilíbrio, por uma questão de Sobrevivência, mas também de Prevalência – foi isso que conduziu ao despontar e florescer de todas as áreas do conhecimento e criação humana.

Destaque-se que ele não negligencia, em momento algum, a importância da Razão e do raciocínio humano. O seu intuito é outro. Ele considera que a parte emocional desempenha um papel *equivalente*, tão relevante como o a Razão, no fabricar e imaginar os objetos e acontecimentos culturais humanos. Ao longo da evolução humana, o cérebro, o neocórtex, desenvolveu-se devido à Seleção Natural e ao aperfeiçoamento genético. Paralelamente, a Mente Cultural Humana evoluiu através do que ele denomina Seleção Cultural. Há, portanto, uma interação, através dos séculos, entre a Evolução Genética e a Evolução Cultural. Deste modo, Biologia e Cultura progrediram sempre a par e passo. Assim, à medida que o cérebro se desenvolvia, expandia-se também a Mente Intelectual e Cultural. Quanto mais o Ser Humano aprendia e construía, mais isso o motivava a melhorar, a progredir e a criar. Damásio assegura que:

A homeostasia cultural não passa de um trabalho em constante desenvolvimento, frequentemente minado por períodos de adversidade. Podemos aventar que o êxito, em última análise, da homeostasia cultural depende de um frágil esforço civilizacional para harmonizar os diferentes objetivos de regulação. (Damásio, 2017: 51).

Na última parte do livro, intitulada “A Mente Cultural em Ação”, o neurocientista analisa uma série de questões correlatas à produção cultural humana, mormente à produzida na contemporaneidade. Assim, para além de se debruçar sobre as artes plásticas e a música, tópicos coevos como a Robótica e a Inteligência Artificial, a Manipulação Genética, a Medicina da Imortalidade, os *Big Data* e os Algoritmos são analisados segundo o prisma da sua teorização cultural. Relativamente a estas questões, ele posiciona-se com base nos seus valores humanistas. Considera, por isso, que a Ciência tem de obedecer a princípios éticos universalmente aceites. Por exemplo, coloca sérias reservas à manipulação genética para uso estético. Tendo em conta o supra exposto, é esta, de modo sucinto, a Teoria da Cultura que António Damásio nos propõe n’*A Estranha Ordem das Coisas*.

3. Receção crítica a *A Estranha Ordem das Coisas*

As postulações contidas n’*A Estranha Ordem das Coisas* tiveram uma excelente receção por uma parte considerável da crítica e da academia. Nomes como John Banville, Owen Flanagan e Maria Popova teceram-lhe rasgados elogios. Por exemplo, John Nicholas Gray, um filósofo inglês, escreveu nas páginas da *Literary Review* o seguinte: “In terms of the history of philosophy and of neuroscience, this is a revolutionary view of the mind and its place in the world.” (Gray, 2018).

Houve também algumas vozes dissonantes, como Gabrielle Torre e Adrian Woolfson. Uma das críticas apontadas, com a qual estou inteiramente de acordo, é o formato pesado, cristalizado no tempo, do livro. De facto, há um número excessivo de páginas e concomitante repetição de conteúdos. Além disso, ele adota um modelo de escrita próximo de uma tese, o que não me parece ser a melhor estratégia para

uma obra que pretende alcançar um público vasto, não especializado, e, sobretudo, que queira fazer valer as suas ideias principais, que, assim, acabam por se perder um pouco. Outro dos pontos negativos referidos diz respeito à falta de comprovação experimental das teses postuladas por Damásio. Torre questiona: “How can scientists test the ideas set forth by Damasio? Damasio himself sets aside portions of this book to assess his ideas but doesn’t offer testable solutions.” (Torre, 2018). Ora, isso não é verdade. Vejamos porquê.

Damásio disseminou a sua conceção original de Homeostasia com *A Estranha Ordem das Coisas*, mas ele já vinha, há muito tempo, coadjuvado pela sua equipa, no Brain and Creativity Institute, University of Southern California, a explorar o conceito, de multimodas maneiras. Assim, os inúmeros artigos que publicou – a maioria dos quais coassinados pelos outros investigadores da sua equipa da investigação – são complementares às suas obras de maior fôlego. Lemos *A Estranha Ordem das Coisas* sem conhecermos o conteúdo dos artigos científicos publicados antes, redundando numa visão incompleta do trabalho e do *modus operandi* do neurofilósofo. Portanto, o conceito de Imperativo Homeostático, e outras ideias adjacentes, que estão na base do livro aqui em apreço, foram testadas experimentalmente de diversas formas, muito antes da publicação do livro. Os resultados desses vários estudos de caso atestam uma considerável parte da sua Teoria da Cultura. A Homeostasia parece estar, de facto, por trás de muita coisa da qual não suspeitávamos, como os Sentimentos Elevados, a audição da Música e a Narratividade (Cf. Damásio; Damásio; Immordino-Yang, 2009 / Damásio; Habib, 2014 / Damásio; Dehghani; Kaplan, et al, 2017).

Há, no entanto, nesta questão delicada, alguns aspetos para os quais chamo a atenção. Os académicos que apontam o facto de ele não ter provas científicas que sustentem a sua tese têm, ainda assim, uma certa razão. É certo que poderiam complementar a leitura de *A Estranha Ordem das Coisas*, com a consulta dos artigos científicos, mas, na verdade, deveria ser Damásio a incorporar esses dados de modo perceptível na sua obra, o que não sucede. Portanto, é legítimo que, ao lerem apenas o livro, fiquem com essa impressão, ainda que ela seja, em termos absolutos, errada. Com a exceção de um ou outro caso⁵¹, esses relevantes estudos e ensaios experimentais, feitos no âmbito do Brain and Creativity Institute, pela equipa que Damásio lidera, ou não são devidamente referidos e sublinhados nos seus livros, ou são remetidos para meras notas de rodapé, onde a sua verdadeira importância se dilui. Talvez a questão dos direitos de autor influencie essa opção. Mas uma coisa é certa: as suas obras e as suas teorias devem muito ao notável trabalho realizado pela sua equipa e aos artigos que publica em coautoria com eles. Por isso, devemos

⁵¹ Por exemplo, Damásio, em *O Erro de Descartes*, dá algum destaque a uma investigação levada a cabo por Hanna Damásio, Antoine Bechara e Daniel Tranel, não a remetendo para uma esconsa nota de rodapé (*apud* Damásio, 2011: 284-290).

enaltecer as fecundas investigações encetadas por: Hanna Damásio, Stephanie Preston, Assal Habib, David Rudrauf, Mary Helen Immordino-Yang, Gil B. Carvalho, Kingston Man, Jonas Kaplan, Morteza Dehghani, entre outros.

4. Aspetos críticos

Gostaria, agora, de assinalar alguns pontos que me parecem menos conseguidos na teoria da cultura damasiana. O pensamento de Damásio tem uma matriz neodarwinista, arraigadamente antropocentrista, que, não obstante a sua faceta humanista, por vezes, o impede de levar as suas asserções um pouco mais longe. Por exemplo, ele diz que existem, nos animais, prefigurações da Mente Cultural Humana, mas não desenvolve devidamente esta ideia. Não põe a hipótese, lógica, de que existe uma grande possibilidade de eles, com o processo evolutivo, virem a desenvolver, em toda a sua completude, uma Mente Cultural. Existem, hoje, estudos sólidos que demonstram que o polvo, o golfinho e algumas aves, como o corvo e o papagaio, denotam um grau inusitado de Consciência. Damásio ou não conhece ou não será sensível ao estado da arte atual sobre esta questão. (Cf. Ackerman, 2017 / Sheldrake, 2011). Não se percebe também a não inclusão da Epigenética. As ideias daí advindas são muito alinhadas com a sua proposta de uma Seleção Cultural evolutiva. É, por isso, estranho que não sejam referidos autores como Conrad Hal Waddington e Robin Holliday, cujos trabalhos têm uma natureza complementar ao seu, e dos quais ele estará certamente a par (Cf. Holliday, 2006).

Mas subsistem outras questões, quiçá mais relevantes, que quero assinalar. Sem dúvida, o cientista luso-americano está muito atento ao trabalho de alguns colegas neurocientistas e neurofilósofos contemporâneos, mas no referente a outras áreas do saber o seu conhecimento sobre as obras de autores coetâneos é insuficiente. Embora, aqui ali, refira esporadicamente um ou outro autor coevo, como Steven Pinker ou Manuel Castells, atém-se quase sempre a autores clássicos, como Freud, Hume, Durkheim e Nietzsche, que, apesar da sua importância histórica, as suas teorias já sofreram assinaláveis desenvolvimentos ulteriores. Tal lacuna faz-se particularmente sentir quando Damásio se debruça sobre *topoi* coetâneos.

Assim, vultos do pensamento crítico contemporâneos como Zygmunt Bauman, Susan Sontag, Michel Onfray, Byung-Chul Han, Jürgen Habermas, Richard Rorty não são sequer mencionados. Por sua vez, Michel Foucault e Pierre Bourdieu são referidos de passagem, numa mera nota de rodapé. A sua obra teria muito a ganhar se os utilizasse, em especial, na última parte d'*A Estranha Ordem das Coisas*, onde ele lida com problemáticas da contemporaneidade, como a tecnologia e a organização sociocultural das sociedades pós-modernas e que, devido a estas omissões, é a parte mais débil do seu livro.

Apesar de o tópico fundamental da teoria exposta n' *A Estranha Ordem das Coisas* ser a cultura, a área dos Estudos Culturais não é referida em lado nenhum. O conhecimento do que já se fez nesse campo daria certamente outra amplitude e enquadramento ao seu trabalho. Repare-se que a definição de cultura de que ele se socorre é antiquada: “manifestações dos feitos intelectuais considerados colectivamente” (Damásio, 2017: 28-29). Baseia-se em Cícero e num dicionário vulgar, e, portanto, é completamente desajustada daquilo que, hoje, se entende, de facto, nos meios académicos, por cultura. O estudo de Stuart Hall, Raymond Williams, John Hartley, Tiziana Terranova, James Clifford, entre tantos outros, teria sido muito proveitoso para o enquadramento e enriquecimento das suas próprias teses, o que não sucedeu. Num livro cujo centro é a cultura, a consulta de autores dos Estudos Culturais parece-me uma condição *sine qua non* para a emissão de opiniões fundamentadas sobre essa temática. Numa reedição, seria, por isso, aconselhável uma revisão da terceira parte, intitulada “A Mente Cultural em Ação”, para que esta não se parecesse tanto com um artigo de opinião jornalístico e ganhasse, de facto, contornos académico-científico.

5. Considerações finais

Em suma, a obra *A Estranha Ordem das Coisas* é válida, consequente e original, constituindo uma mais-valia no estudo da Cultura. Nela, o neurocientista deu um arrojado passo conceptual. Partiu dum conceito fisiológico, a Homeostasia, e expandiu-o e aplicou-o, com assinaláveis resultados, ao entendimento da Arte e da Cultura. A ideia base da sua teoria, o Imperativo Homeostático Sociocultural, é uma concepção fértil, sustentada em inegáveis evidências empíricas encontradas na História Humana e nos muitos estudos de caso que ele tem vindo a empreender com a sua equipa.

Além disso, a sua formação e convicção humanista confere ao seu entendimento neodarwinista da Cultura um forte enquadramento ético, arejando-o e enriquecendo-o. A conjugação dessas duas vertentes, aparentemente antitéticas, é muito salutar e produtiva. Ele parte de fatores biológicos para demandar uma visão e um pensamento crítico em profunda sintonia com a Ética. No seu entender, Biologia, Vida, Cultura e Ética estão entrelaçadas na vida humana em sociedade. Esta é uma visão holística muito positiva, na qual os melhores ideais de Humanidade estão no centro. Para ele, a Consciência não deflui apenas do cérebro, mas do corpo todo, incluindo as vísceras. O pensamento e a razão não estão separados do organismo que habitam, pois, ele também é Consciência. A importância conferida ao papel dos Intestinos e ao Sistema Entérico, e às estruturas periféricas, vai nesse mesmo sentido da Emergência Holística da Mente. Esta concepção consciencial abre uma série de portas exploratórias aos neurocientistas, aos neurofilósofos e aos estudiosos da Cultura.

Deve-se também assinalar o facto de ele sobrelevar o fator emotivo e dar importância aos Sentimentos, como facilitadores da criação artística e cultural. Não está sozinho nisso. De todo o modo, talvez seja o único a no-lo dizer numa forma tão pertinente e tão bem articulada, inserida no contexto vasto da Seleção Cultural e da Homeostasia Cultural. Por fim, gostaria de sublinhar a forma brilhante como ele entende e nos descreve o processo de Emergência da Consciência, como se este fosse um Processo Cinematográfico. Esta noção da Consciência enquanto Cinema parece-me muito fecunda e comporta um vasto e entusiasmante leque de possibilidades de investigação futura.

Por tudo isto, e apesar de algumas fragilidades e lacunas, nomeadamente o formato pesado e, por vezes, entediante, do livro e da falta de atualização do conhecimento, sobretudo, ao nível da Filosofia Contemporânea e dos Estudos Culturais, *A Estranha Ordem das Coisas* é, sem dúvida, uma obra marcante, a ler e a reler. Tal como *O Erro de Descartes*, ficará registrada nos anais da História das Neurociências e das Neurohumanidades como uma obra seminal. Resta-nos, agora, esperar ulteriores desenvolvimentos desta inovadora e instigante Teoria da Cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ackerman, Jeniffer (2017). *The genius of birds*. New York, London: Penguin Books.
- Damásio, António (2011). *O Erro de Descartes: Emoção, razão e cérebro humano*. Adaptado para a língua portuguesa por António Damásio. Lisboa: Temas e Debates/ Círculo de Leitores.
- Damásio, António (2017). *A estranha ordem das coisas: A vida, os sentimentos e as culturas humanas*. Lisboa: Temas e Debates/ Círculo de Leitores.
- Damásio, António; Damásio, Hanna & Immordino-Yang, Mary Helen (2009) Neural Correlates of Admiration and Compassion. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 106(19), 8021-8026.
- Damásio, António & Habib, Assal (2014). Music, feelings, and the human brain. *Psychomusicology: Music, mind, and brain*. DOI: 10.1037/pmu0000033. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263924523_Music_feelings_and_the_human_brain
- Damásio, António; Dehghani, Morteza & Kaplan, Jonas (et al) (2017). Decoding the neural representation of story meanings across languages. *Human Brain Mapping* 38(12), DOI: 10.1002/hbm.23814. Disponível em: http://morteza-dehghani.net/wp-content/uploads/Dehghani_et_al-2017-Human_Brain_Mapping.pdf
- Gray, John (2018). Mind the Gap. *Literary Review*, n.º 462, March. Disponível em: <https://literaryreview.co.uk/mind-the-gap>.
- Holliday, Robin (2006). Epigenetics: A Historical Overview. *Epigenetics*, 1:2, 76-80.
- Lucas, Isabel (2017). Quando me perguntam qual é o maior cientista de sempre, respondo: na minha área, é Shakespeare (entrevista a António Damásio). *Público*, 5 de novembro. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/11/05/ciencia/entrevista/antonio-damasio-1791116>
- Panksepp, Jaak (1998). *Affective neuroscience: The foundations of human and animal emotions*. New York: Oxford University Press.
- Sheldrake, Rupert (2011). *Dogs that know when their owners are coming home: And other unexplained powers of animals*. New York: Three Rivers Press/Random House.
- Torre, Gabrielle (2018). The Strange Order of Things: Book Review. *Knowing Neurons*. Disponível em: <https://knowingneurons.com/2018/05/16/strange-order/>

Luís Carlos S. Branco. Bolseiro de Doutoramento em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro e docente no Departamento de Línguas e Culturas da mesma instituição. A sua tese de doutoramento, na qual tem vindo a trabalhar, intitula-se *A Filmografia de David Lynch à Luz dos Estudos da Consciência de António Damásio e Amit Goswami*. Dramaturgo e poeta. Departamento de Línguas e Culturas, 3810-164 Aveiro. E-mail: lcrsb@campus.ua.pt. ORCID: 0000-0002-0726-6560.

Receção: 22/05/2021

Aprovação: 27/09/2021

Citação:

Branco, Luís Carlos S. (2021). Recensão ao livro de António Damásio, *A Estranha ordem das Coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas*. *Todas as Artes*. *Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 4(2), pp. 142-151. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav4n2r1